

## O GRANDE GATSBY E A DICOTOMIA LESTE – OESTE NORTE-AMERICANO

---

Bruno Luiz da Rocha Scheletz<sup>1</sup>  
Andrea Scuissiatto Mares de Souza<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem por objetivo abordar as divergências existentes entre o Leste e Oeste norte-americano através do olhar crítico do escritor Francis Scott Fitzgerald apontado na obra *O grande Gatsby*. Para tanto será apresentada uma descrição da formação e desenvolvimento do povo norte-americano. Por meio de levantamento bibliográfico, são destacados fatos que delinearam a história dos Estados Unidos da América em consonância com análises sociológicas realizadas por autores norte-americanos. Os resultados obtidos foram satisfatórios no que tange a proposta inicial da pesquisa, na qual foi possível encontrar relevância nas críticas descritas pelo autor no romance sem maiores distorções e perda de sentido.

Palavras-chave: Literatura. Dicotomia. Leste-Oeste norte-americano. Socioeconomia.

---

<sup>1</sup> Aluno do 3º ano de Letras Português – Inglês da FAE Centro Universitário. Bolsista do Programa à Iniciação Científica (PAIC 2013-2014) *E-mail*: brunoscheletz@hotmail.com.

<sup>2</sup> Mestra em Mídia e Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora da FAE Centro Universitário. Orientadora do Programa de Apoio à Iniciação Científica da mesma instituição. *E-mail*: andreasouza@bomjesus.br.

## INTRODUÇÃO

O século XX foi cenário de grandes transformações em todos os âmbitos institucionais. A Primeira Grande Guerra transformou de maneira drástica a organização mundial e em destaque, na presente pesquisa a economia dos Estados Unidos da América. A sociedade norte-americana, que era provida de uma visão idealista, passa a valorar os bens materiais. Neste período os valores aristocráticos tornavam-se, cada vez mais, um estilo de vida dissoluto e dispendioso, que exigia acima de tudo dinheiro, viesse de onde viesse.

Com isso surgem novas formas de comércio, negócios ilícitos e o enriquecimento fácil. O capitalismo desponta como incentivador da produção e do consumo desenfreado. Em decorrência desses fatos, aparecem grandes diferenças culturais e sociais entre o lado Leste e Oeste dos EUA.

No romance *O Grande Gatsby*, escrito pelo autor Francis Scott Fitzgerald (2011), são apresentadas tais situações, permitindo a utilização de vários recortes transformados em objeto de estudo com o intuito de analisar estilos e modelos característicos da sociedade americana no início do século XX.

Este artigo apresenta, predominantemente, aspectos exploratórios e descritivos, mas também será apresentado um estudo de caso no qual se torna possível destacar as diferenças entre a sociedade do Leste e a do Oeste norte-americano.

### 1 PERÍODO ENTRE GUERRAS

A Primeira Guerra Mundial, segundo Hobsbawn (2007), constituiu um divisor de águas para as nações, onde algumas foram dizimadas e outras acabaram sendo beneficiadas economicamente. Entre essas nações que foram beneficiadas com a guerra, destaca-se os Estados Unidos. Os lucros eram provenientes de comercialização de alimentos e armas para atender as necessidades dos países aliados – a Tríplice Entente. Os lucros eram tão grandes que os Estados Unidos da América passaram a ser vistos como a grande potência global em um breve espaço de tempo.

Terminada a Primeira Guerra Mundial, os Estados Unidos se transformaram no dinamismo do capitalismo mundial: de maior devedor (3 bilhões de dólares) o país passou à invejável posição de maior credor mundial (11 bilhões de dólares). Mais que isso, os EUA produziram mais de um terço da produção industrial mundial (VICENTINO, 1997, p. 372).

Até certo momento, os EUA mantiveram uma neutralidade na guerra, pois estavam lucrando com o fornecimento de matérias, porém essa neutralidade foi quebrada após atentados aos navios norte-americanos e também por motivos financeiros, pois após a saída da Rússia, a tríplice aliança ficou comprometida e também o ataque precisava ser respondido nas mesmas proporções. Esses foram os motivos que levaram os norte-americanos a aderirem à guerra contra a Alemanha e seus aliados.

Através dessa grande produção norte-americana, com destino certo a países europeus, a economia americana cresceu rapidamente dando origem ao descrito *american way of life*, que pode ser definido como um estilo de vida com consumo exagerado de bens materiais pelo fato de desfrutar de uma elevada produção de bens. Esse modo de vida interferia diretamente no surgimento de um novo padrão para o escalonamento das classes sociais no país.

A produção americana crescia com muita velocidade alavancada pelos investimentos maciços de um grupo de pessoas interessadas em prosperar através de operações financeiras. A partir de então foi consolidada uma fiel parceria entre a classe industrial e a classe pecuniária (VEBLEN, 1983, p. 95).

Entre os motivos que conduziram ao referido contexto socioeconômico figuram o aumento real de salários devido aos ganhos de produtividade, a eliminação do espírito de poupança, a ampliação de crédito para o consumo e a atuação crescente de campanhas publicitárias.

Segundo Veblen (1983), a classe pecuniária americana era formada por agentes pertencentes às instituições de aquisições, que tinham como objetivo adquirir patrimônio por meio da exploração do universo econômico. A classe ociosa, assim denominada pelo referido autor, era formada por indivíduos tradicionalmente ricos que tinham uma relação de aquisição com o processo econômico, diferentemente da outra parte da população que estava diretamente ligada à ação produtiva.

Dentro do contexto da obra *O Grande Gatsby*, de Scott Fitzgerald, o autor apresenta contrastivamente personagens que trabalham para sobreviver e manter suas famílias, assim como personagens de alto poder aquisitivo que, segundo as características definidas por Veblen (1983), são representantes da classe ociosa americana.

As transações ilícitas constituíram possibilidades de negócios que levariam ao enriquecimento rápido e foi assim que muitos imigrantes, tomados pelo espírito americano, obtiveram ascensão econômica. A personagem principal do romance em estudo, Jay Gatsby, possuía uma fortuna e mantinha negócios obscuros assim descritos na obra, mas não deixa claro quais seriam exatamente estas transações.

Em verdade, não seria exagero dizermos que toda a questão do crime organizado, nos Estados Unidos, não pode ser devidamente apreciada e compreendida se não levarmos em conta 1) o papel preponderante do jogo organizado com função de uma economia de consumo em massa; 2) o papel específico dos vários grupos de imigrantes, na medida em que, um após outro, vão se envolvendo em negócios marginais e no crime; e 3) a relação entre o crime e a transformação no caráter das máquinas políticas urbanas (MCMILLNE, 1965, p.126).

As relações entre os homens foram influenciadas por um novo sistema econômico, o capitalismo. O desenvolvimento econômico da sociedade norte-americana no início do século XX foi delineando uma nova estrutura social na qual se fez crescente o distanciamento entre as diferentes classes.

## 2 O CAPITALISMO

Segundo a definição de Magalhães Filho (1979), o capitalismo traz como característica principal a orientação das atividades econômicas no sentido do lucro, na qual a classe dominante fundamenta seu poder na posse dos bens de capital e cujas relações de produção são assalariadas. Entenda-se por bens de capital como utilizados na produção de outros produtos, ou seja, ferramentas, equipamentos, máquinas que são utilizados pelos trabalhadores para a fabricação de outros artigos. Os resultados da produção podem ser bens de consumo ou bens de capital (MAGALHÃES FILHO, 1979, p. 269).

Após o período de conflitos internos alimentados pela guerra civil houve o realinhamento da economia norte-americana no sentido unificador, onde Norte e Sul somariam forças para reerguer a nação.

A realocação de imigrantes europeus nos Estados Unidos da América trouxe abundância de mão de obra que foi absorvida pelas indústrias e pelo comércio, assim como trouxe aumento de consumo interno. Muitos destes imigrantes se estabeleceram no Oeste do país, região ainda pouco habitada se comparada à alta densidade populacional do Leste, que era composta pelos descendentes dos primeiros colonizadores.

Os novos imigrantes foram responsáveis pelo surgimento de um grupo classificado como pequena burguesia rural, que mantinham níveis de produção que conseguiam atender ao mercado consumidor. O panorama expansionista norte-americano era promissor e, na medida em que a produção crescia havia no mesmo sentido o aumento populacional absorvendo o mercado de oferta (MAGALHÃES FILHO, 1979, p. 306).

O capitalismo surgiu com bases na livre concorrência, onde o mercado daria conta de equilibrar os preços a partir da oferta e da procura. Assim sendo o sistema estava ancorado na concorrência mercantil. Em face disso decorreu a formação de

grandes grupos que controlavam a maior parte do comércio, dando início à formação dos monopólios. Muitos pequenos produtores foram absorvidos pelos grandes grupos e aqueles que deles dependiam foram obrigados a ceder às exigências estabelecidas para sobreviverem no mercado.

### **3 A DICOTOMIA LESTE-OESTE NORTE-AMERICANA À LUZ DE UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA COM REFERÊNCIAS À OBRA *O GRANDE GATSBY***

Os contrastes de origem socioeconômicas são explorados por Fitzgerald na obra *O Grande Gatsby* por meio da caracterização dos personagens criados pelo autor. O personagem Tom Buchanan representa o cidadão do Leste norte-americano que domina tudo e todos. Na visão do autor ele irá durar para sempre, sobrevivendo a todos os percalços da vida devido a sua posição socioeconômica. Tom é um fiel representante da sociedade aristocrática, que dispõe de recursos financeiros em grandes proporções e é responsável pelo financiamento do fluxo de desenvolvimento econômico do país, enquanto Gatsby representa o norte-americano que nasce na pobreza e faz riqueza ao longo da vida.

Gatsby, apesar de bem-sucedido financeiramente, não é aceito pela aristocracia como parte do grupo. O novo rico é personagem representante do habitante da região Oeste norte-americana. Sob o ponto de vista de Fitzgerald, este grupo, embora disponha de desenvolvidas habilidades para os negócios, é mais frágil e vulnerável. O conceito é explorado por Tanner (2011) em seus estudos, nos quais afirma a impossibilidade de um indivíduo adquirir tradição genealógica por meio da aquisição de bens, ou seja, uma posição social que não foi adquirida hereditariamente (TANNER, 2011, p. 48).

Segundo Weber (2004), a composição social norte-americana é divergente em relação à composição social de outros países europeus, pelo fato de os EUA ser composto por diversas etnias, enquanto outros países não comungam da mesma realidade. À luz do pensamento do autor, o sentido de nacionalismo está intimamente relacionado ao sentimento de pertença. O imigrante não estabelece a mesma relação de conexão com a pátria e sua comunidade quando comparado ao habitante local.

A “nacionalidade” em seu sentido “étnico” corrente, comparte com o “povo”, normalmente, a vaga ideia de que aquilo que sente como “comum” tem sua base numa comunidade de procedência, ainda que, na realidade, pessoas que se consideram pertencentes à mesma nacionalidade, não apenas ocasionalmente, mas com muita frequência, estejam muito mais distantes entre si, no que se refere a sua procedência” (WEBER, 2004, p. 275).

O processo de inclusão das minorias imigrantes favoreceu a mobilidade de grupo do qual os indivíduos se beneficiavam, dando origem a grupos maiores, e conseqüentemente, com maior força de expressão. O proletariado rural, proprietários de fazendas e suas empresas de produção agrícola também encontraram seus pares a partir de suas necessidades e anseios comuns.

Segundo o ponto de vista de Parsons (apud ROCHER 1976), sociólogo que traçou o perfil da sociedade americana de modo geral, os Estados Unidos representavam o país mais avançado do ponto de vista econômico no início do século XX. Para ele toda essa evolução deu-se devido à origem protestante de parte da população, também por seu espírito democrático e sua estrutura capitalista (PARSONS apud ROCHER, 1976, p.147).

Esses mesmos fatores delinearão o perfil das classes sociais norte-americanas, bem como a possibilidade de mobilidade dos indivíduos entre as classes sociais, devido ao espírito democrático assegurado pela nação. Nas palavras de Parsons (apud ROCHER, 1976, p.148): “Isso faz dos Estados Unidos uma sociedade particularmente competitiva, onde alguns recusam arcar com conseqüências e outros são impelidos a utilizarem-se de meios indiretos de sucesso”.

As diferenças a serem destacadas são referentes aos aspectos sociais e econômicos presentes na obra *O Grande Gatsby*. A socioeconomia como principal fator de análise faz com que se destaquem diferenças sociais e comportamentais entre as classes sociais. Em termos gerais, observa-se um grupo de pessoas que necessitam da atividade laboral para obter seu sustento e manter suas famílias. Tais indivíduos subsistem dos seus salários provenientes da produção de bens e serviços. Por outro lado há o grupo em contraste, que dispõe de muitos recursos financeiros, muitas propriedades e investimentos em que por meio de realizações multiplica constantemente o capital investido.

Por haver essa diferença de origem financeira, não é possível inexistir contrastes nas atitudes e no estilo de vida dos representantes de cada grupo. Entre os aristocratas, tudo deve sempre aparentar bem, desde coisas como vestuário, imóvel, decoração e atividades de lazer. Até a escolha de um animal de estimação segue o padrão estabelecido pela classe social em questão. Em contrapartida, encontra-se a classe assalariada, em que os recursos são gerados através de trabalho árduo, nos quais os objetos, vestimentas e habitação eram desprovidos de luxo e opulência.

O modelo de vida da classe alta da região Leste descrevia um homem bem-sucedido no mundo dos negócios e que buscava sempre multiplicar seus recursos através de aplicações financeiras. Contrastivamente, o modelo de vida da classe alta da região Oeste mantinha os valores tradicionais americanos, ou seja, desbravador das áreas desabitadas, o homem natural, livre, móvel, dinâmico, empreendedor e rústico. Por meio

das duas realidades distintas e modos de vida também diferentes, é possível perceber que Leste e Oeste são diferentes, porque sofreram influências diferentes devido ao espaço geográfico que habitavam e conseqüentemente as condições de vida diferentes.

Todas as ideias apresentadas acima podem ser exemplificadas com passagens do romance em análise. Wilson, o personagem que possui uma oficina mecânica no espaço definido como lado Oeste da cidade, simbolizando o grupo social do Oeste norte-americano, trabalha arduamente para sobreviver. Através deste personagem o autor revela o ideal de vida do povo do Oeste, onde a aparência cede espaço para a honra, a ética, a realização profissional, a valorização da instituição familiar e do trabalho.

A classe aristocrática é representada pelo personagem Tom Buchanann, herdeiro de fortuna que mantém seus recursos pecuniários através de aplicações financeiras e, portanto, não desenvolve atividade produtiva. As atividades rotineiras deste representante da região Leste envolvem encontros sociais, atividades esportivas e viagens. As raízes genealógicas destes indivíduos compreendem os imigrantes ingleses providos de muitos recursos que foram para a América em busca de melhores oportunidades para prosperarem.

O personagem Gatsby representa o modelo do imigrante bem-sucedido no mundo dos negócios do lado Oeste. Embora Gatsby tenha feito fortuna a partir de negócios ilícitos, a aparência na sociedade do Leste é valorizada, até mesmo encobrindo as rupturas de caráter e moral nos indivíduos.

Por meio dos estudos de Parsons (apud ROCHER 1976), a sociedade de massa, como alguns definem a sociedade estadunidense, não cabe à realidade da sociedade norte-americana devido à existência de diferentes grupos dentro do referido universo. Esse ponto de vista pode ser observado a partir da divisão de classes apresentada no livro em estudo. A dicotomia destacada aponta os grupos do Leste e do Oeste com realidades e princípios distintos.

Para tanto, o referido autor utiliza o termo individualismo institucional com o intuito de explicar que cada grupo tem individualidade própria e que dentro desses grupos os indivíduos buscam alcançar um objetivo em comum. Tal afirmação reforça a realidade dicotômica norte-americana (PARSONS apud ROCHER, 1976, p.149).

Mills (1976) em sua análise da sociedade americana prefere não utilizar o termo pluralismo, que denota vários grupos com diferentes poderes. Segundo ele o poder da sociedade encontra-se nas mãos de uma pequena elite e esta, por sua vez, dispõe de poder manipulador atuando em seu favor.

Na obra *O Grande Gatsby* são explorados os dois conceitos ao longo da narrativa. Os grupos sociais dispõem de estilos de vida diferentes, assim como descreve a análise de Parsons (apud ROCHER, 1976) e, no que se refere a poder, a análise realizada por Mills (1976) destaca que é possível observar o poder exercido pela elite sobre as demais classes.

Além das linhas de pesquisas já apresentadas, é possível mencionar os estudos realizados por Jackson Turner (2008) que também realizou pesquisas sobre a sociedade americana. Turner (2008) por meio da historiografia busca entender a referida sociedade em sua linha de pesquisa. Por ter suas origens no Oeste norte-americano, desenvolveu estudos em busca de descrever os indivíduos que habitavam a região.

Em seus resultados constam uma visão original do povo do Oeste americano, o qual não dispõe de raízes germânicas ou inglesas. Segundo ele, tais influências estavam profundamente arraigadas nos princípios institucionais europeus, ainda muito presentes na região Leste. O Oeste, ao contrário, constituído por comunidades de desbravadores locais e estrangeiros, destacava-se pela exaltação da simplicidade, do espírito aventureiro, da coragem e da autodeterminação que para Turner (2008) caracterizavam o povo americano.

As visões apresentadas destacam os perfis das sociedades do Leste e do Oeste, foco da atenção de Scott Fitzgerald. A dicotomia Leste-Oeste constitui objeto de atenção e discussão ao longo da narrativa, convidando o leitor à reflexão da realidade das relações sociais nos Estados Unidos da América no período entre guerras. O surgimento do capitalismo resultou no fortalecimento das classes sociais, cada uma com suas características buscando sobreviver a partir de suas necessidades.

## 4 ESTUDO DE CASO

Os levantamentos bibliográficos realizados ao longo do trabalho descrevem a formação da sociedade norte-americana. Os grupos do Leste e do Oeste se apresentam com características diversas com especial destaque ao perfil socioeconômico. Desta forma, tais referências provocam uma interposição com as colocações feitas por Fitzgerald (2011) na obra *O Grande Gatsby*. O autor convida o leitor a uma reflexão acerca da sociedade dos Estados Unidos do início do século XX ao apresentar críticas sociais por meio da narrativa.

A apresentação espacial do romance é feita a partir da descrição de duas regiões geográficas denominadas pelo autor de East Egg e West Egg. A primeira, assim traduzida para o português por Leste e a segunda, por Oeste. Na narrativa, a região do Leste é

habitada pelo ancestralmente milionário Tom Buchanan e a do Oeste é habitada pelo novo-rico Gatsby e o velho-pobre Nick, o narrador da obra.

Foi por acaso que acabei alugando um imóvel numa das comunidades mais estranhas da América do Norte: justamente naquela estreita e conturbada ilha que se estende a leste de Nova York – onde há, entre outras curiosidades naturais, duas formações topográficas muito incomuns. A trinta quilômetros da metrópole, um par de ovos gigantes, idênticos no contorno e separados apenas por uma singela baía, se projetam sobre a massa de água salgada mais dócil do hemisfério ocidental, esse grande celeiro inundado que é o estreito de Long Island. Eles não são perfeitamente ovais – como ovo de Colombo, são achatados na ponta -, mas sua semelhança física deve ser fonte infinita de assombro para as gaiotas que o circundam. Para os que não voam, mais interessante é notar sua dessemelhança em todos os outros aspectos exceto a forma e tamanho (FITZGERALD, 2011, p. 69).

Fitzgerald (2011) descreve os dois espaços geográficos no início da narrativa como semelhantes para àqueles que os consideram apenas em sua forma e tamanho, mas muito distintos em todos os outros aspectos, cabendo a interpretação abordada nesta pesquisa no que se refere ao caráter socioeconômico. Existe na obra a intenção em distinguir as sociedades do Leste e do Oeste como modelos diferentes estruturais coabitando o mesmo universo geograficamente denominado de Estados Unidos da América.

O poder aquisitivo dos grupos que habitam as duas regiões constitui um dos elementos que caracterizam as sociedades do Leste e do Oeste como distintas. Tais perfis recebem destaque pelo autor quando esse descreve o padrão das moradias atrelado a valores em moeda da época.

Eu morava em West Egg, o... bem, o menos elegante dos dois, embora este seja um rótulo sumamente superficial para exprimir o contraste bizarro - e que não deixava de ser, de certo modo, sinistro – existente entre ambos. Minha casa ficava bem na ponta do ovo, a somente cinquenta jardas de distância do estreito, espremida entre duas enormes mansões, cujo aluguel, durante a estação, variava entre doze e quinze mil dólares. A da direita era colossal, comparada a qualquer construção do mesmo gênero: tratava-se, com efeito, de uma imitação de algum hotel de ville da Normandia, com uma torre ao lado esplendidamente nova sob o seu tênue revestimento de hera, uma piscina de mármore e mais de quarenta acres de relvados e jardins. Era a mansão de Gatsby. Ou melhor, como eu não conhecia o Sr. Gatsby, era uma mansão habitada por um cavalheiro desse nome. Quanto à minha casa, era uma monstruosidade, mas uma monstruosidade insignificante, e, assim, fora deixada no esquecimento, de modo que eu desfrutava de uma paisagem parcial proporcionada pelos relvados do meu vizinho e da consoladora proximidade de milionários - tudo isso por oitenta dólares mensais. Do outro lado da singela baía, os palacetes brancos da elegante East Egg reluziam na superfície da água, e a história desse verão começa de verdade [...] (FITZGERALD, 2011, p. 69).

As diferenças sociais emergentes nos Estados Unidos da América são abordadas pelo autor em posicionamento crítico frente ao momento definido pelo “american way of life”. Este, por sua vez, enaltece as políticas de desenvolvimento socioeconômico alimentadas pelo consumo exagerado. No decorrer da narrativa o Fitzgerald contrapõe a camada da população que se beneficia financeiramente pelo aquecimento da economia – a classe alta, a classe que tem a função de garantir a manutenção dos benefícios usufruídos pela classe pecuniária, a classe trabalhadora.

A origem do povo norte-americano também é explorada por Fitzgerald (2011) ao narrar a procedência dos personagens. Todos passaram por processo migratório, configurando a formação do povo norte-americano. Os moradores do West Egg, sugeridos aqui como representantes da região Oeste, descendem de famílias de imigrantes que ingressaram na América e desempenhavam atividades comerciais de pequeno e médio porte, assim como relatado na obra pelo personagem Nick Carraway: “[...] o verdadeiro fundador da linhagem foi o irmão do meu avô, que veio para cá em 1851, enviou alguém em seu lugar para a Guerra Civil e abriu a loja de ferramentas a que meu pai se dedica até hoje”(FITZGERALD,2011, p. 67).

Contrastivamente, o personagem Tom Buchanan, sugerido como representante da região Leste, é assim descrito na obra:

[...] Sua família era extremamente rica – mesmo na época da faculdade, sua prodigalidade com o dinheiro era motivo de reprovação –, mas agora ele deixara Chicago e se mudara para o Leste em grande estilo: mandara, por exemplo, trazer de Lake Forest um time inteiro de cavalos de polo. Era difícil entender como um homem da minha geração podia ser tão rico a ponto de fazer algo assim (FITZGERALD, 2011, p. 71).

As caracterizações dos personagens na obra *O Grande Gatsby* vão de encontro às definições de Veblen (1983) com relação às classes trabalhadora e à classe ociosa. A classe trabalhadora desempenha uma relação de dependência com a sua atividade econômica, no sentido de necessitar dela para garantir a sobrevivência. A classe ociosa, em contraponto, supre a classe trabalhadora por meio do consumo para a manutenção do seu bem-estar, ou através de investimentos de seu patrimônio para obtenção de lucro.

No início do século XX a economia norte-americana iniciou um ciclo de alta produtividade, viabilizando a produção em larga escala. Como citado por Arruda (1996), o “american way of life”, promoveu o consumo exagerado, levando ao posicionamento crítico de Fitzgerald (2011) quando faz menção ao volume de aquisições dos americanos no que se refere às habitações, artigos de decoração, roupas e acessórios consumidos pela classe trabalhadora “O apartamento ficava na cobertura do edifício [...]. A sala estava abarrotada até o teto de um mobiliário coberto de tapeçaria, evidentemente exagerado para o espaço [...]”. (FITZGERALD, 2011, p. 92).

Com caráter crítico o autor utiliza a descrição dos ambientes de forma exagerada, na qual o montante adquirido chegava a proporções exorbitantes, levando em conta o tamanho dos espaços. O ímpeto consumista continua a ser destacado em: “A irmã dela, Catherine, era uma moça cosmopolita de uns trinta anos [...] Quando ela se mexia, ouvia-se o matraquear incessante dos incontáveis braceletes de cerâmica que subiam e desciam ao longo de seus braços” (FITZGERALD, 2011, p. 93).

O consumo exagerado não faz parte apenas da realidade da classe trabalhadora, que o fazia com o intuito de demonstrar ascensão social. A classe ociosa demonstra atração pelo consumo para a manutenção de seu padrão social em tudo o que faz parte de suas rotinas. Assim como no extrato que segue:

[...] Todas as sextas-feiras, cinco caixas de laranjas e limões chegavam de uma quitanda em Nova York – às segundas-feiras, essas mesmas laranjas saíam pelas portas dos fundos numa pirâmide de cascas vazias. Na cozinha havia uma máquina capaz de extrair o suco de duzentas laranjas em meia hora, bastando que um botão fosse apertado duzentas vezes pelo polegar de um mordomo” (FITZGERALD, 2011, p. 102).

O apelo crítico do autor chega a detalhes que mostram o exagero em termos de consumo praticado também pela classe ociosa, que promovia festas e encontros habituais cujo objetivo era reunir números aviltantes de pessoas. Ainda segue em narrativa o volume de convidados que não tinham qualquer tipo de relação com os anfitriões, mas que compareciam e desfrutavam de toda a fartura que era oferecida sem o menor constrangimento.

Ainda na narrativa, Fitzgerald (2011) chama atenção para o olhar preconceituoso da sociedade do Leste em relação à sociedade do Oeste por meio das impressões relatadas pela personagem Daisy, também representante da classe ociosa.

[...] Daisy estava chocada com o West Egg, esse lugarzinho inaudito que a Broadway havia engendrado num vilarejo de pescadores de Long Island –, chocada com o vigor brutal que se ocultava por trás dos velhos eufemismos e com o destino absolutamente importuno que forçava os moradores a viver nessa espécie de atalho que levava nada a lugar algum. Ela via naquela simplicidade algo terrível que não conseguia explicar” (FITZGERALD, 2011, p. 169).

O sentimento expresso pela personagem demonstra a impossibilidade de compartilhamento do mesmo espaço com indivíduos da classe produtiva para os mesmos fins. Segundo Parsons (1976), durante o processo migratório as classes sofreram agrupamento inconsciente. Um dos fatores determinantes para o referido processo foi a atividade produtiva. Assim sendo, justifica-se a concentração predominante de indivíduos com vocação produtiva no Oeste, uma vez que o Leste já havia sido colonizado anteriormente pelos grandes detentores de recursos financeiros.

Finalmente cabe relacionar o comportamento dicotômico do povo norte-americano às considerações elencadas por Weber (2004) no que diz respeito ao sentimento de pertença comum a todos os grupos sociais. Segundo o autor o fato de os Estados Unidos da América ter sido colonizado por ampla variedade de grupos étnicos torna difícil a apropriação do território como parte integrante da sua cultura. Portanto, dificilmente existe um sentimento nacional comum que reúna os diferentes grupos, apesar de pretenderem a si o direito de tê-lo como membros da nação em que vivem.

## CONCLUSÕES

Fitzgerald (2011) apresenta um relato acerca da sociedade americana instigador de estudo para melhor compreender as dimensões das relações sociais num país que ainda hoje é considerado por muitos o mais influente e também o mais atraente para aqueles que buscam por oportunidades. O fortalecimento e a cristalização do sistema capitalista são elementos que perpassam a obra e constituem em representações dos modelos encontrados nas sociedades do Leste e do Oeste norte-americano.

O crescimento da economia norte-americana durante o século XX foi propiciado pela produção em massa com intuito inicial de abastecer os países que participaram da Primeira Guerra e posteriormente precisaram se refazer do confronto.

O desenvolvimento econômico baseado na produção em larga escala e estímulo ao consumo contribuiu para a transformação do estilo de vida do povo norte-americano. Apesar do crescimento acentuado, o modelo capitalista acentuou as diferenças entre as classes sociais.

Scott Fitzgerald (2011), na obra *O Grande Gatsby*, sugere a existência de duas regiões pelo autor nomeadas de Leste e Oeste. Ao longo da narrativa as diferenças existentes entre o Leste e Oeste chamam a atenção e revelam povos e culturas distintas dentro de uma mesma área geográfica maior, os Estados Unidos da América.

As personagens apresentadas na obra foram concebidas de modo a representar integrantes das diferentes classes sociais presentes no país no início do século XX, constituindo uma crítica ao modelo capitalista. A sociedade do lado Oeste é composta predominantemente por trabalhadores que sobrevivem da atividade produtiva. No referido grupo são encontrados indivíduos agentes diretos na produção industrial e consumo dos bens de produção em escala.

Em contrapartida, a sociedade do Leste é constituída por comunidades herdeiras de patrimônio e com vocação aquisitiva. Os indivíduos pertencentes a esta classe sobrevivem dos investimentos realizados pela sociedade do leste em forma de aquisições, o que constitui forma de manutenção e ampliação do seu capital.

O desenvolvimento econômico norte-americano atraiu imigrantes de várias partes do mundo, com destaque àqueles que sofreram as graves consequências da primeira guerra. A região oeste, que ainda era pouco povoada, assumiu características distintas ao absorver comunidades de culturas diversas com necessidades e objetivos particulares.

A região Leste foi povoada predominantemente por britânicos dois séculos antes. Já no século XX, os descendentes dos fundadores das treze colônias eram extremamente conservadores e detentores de patrimônios, em sua maioria, recebidos por herança. O modelo aristocrático britânico foi reproduzido dando origem a classe alta norte-americana.

O crescimento econômico somado ao processo migratório gerou expansão territorial e, como consequência, Leste e Oeste assumiram características distintas. Os habitantes do Leste foram os colonizadores e, portanto, personagens dos primórdios da história norte-americana. Os habitantes do Oeste se estabeleceram no território americano por volta de dois séculos mais tarde.

Embora o modelo capitalista tenha acentuado as diferenças entre as classes sociais nos Estados Unidos da América, a teoria da mobilidade social explica o processo migratório entre elementos dos diferentes grupos. Ainda que os fatores financeiros e intelectuais sejam materialmente determinantes para a referida ascensão, os fatores conceituais e institucionais predominam para a aceitação de indivíduos nos novos grupos.

Portanto, a ampla diversidade de grupos étnicos que constituem o povo norte-americano dificulta a existência de um sentimento nacional comum que os reúna, apesar de pretenderem a si o direito de tê-lo como membros da nação em que vivem.

## REFERÊNCIAS

- ARRUDA, J. J. de A. **História geral e história do Brasil**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- BURGESS, A. **A literatura inglesa**. São Paulo: Ática, 2003.
- CAVALIERI, M. A. Rs. **O surgimento do institucionalismo norte-americano: um ensaio sobre o pensamento e o tempo de Thorstein Veblen**. Belo Horizonte, 2009. 459f. Tese (Doutorado em Economia). Centro de Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas Federal de Minas Gerais, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/AMSA-7UTJYS?show=full>>. Acesso em: 11 ago. 2013.
- FERNANDES, L; MCMILLNE, W. **Por que os Estados Unidos são ricos?** Rio de Janeiro: Record, 1965.
- FITZGERALD, F. S. **O grande Gatsby**. São Paulo: Penguin Classics, 2011.
- GOHN, M.G.M. de. **Teoria dos movimentos sociais**. São Paulo: Loyola, 2008.
- HOBSBAWN, E. **A era dos extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MAGALHÃES FILHO, F. de B. B. de. **História econômica**. 6. ed. São Paulo: Sugestões Literárias, 1975.
- MILLS, C. **A elite do poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- ROCHER, G. **Talcott Parsons e a sociologia americana**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.
- TANNER, T. **O grande Gatsby**. São Paulo: Penguin Classics, 2011.
- TURNER, F. J. Significance of the frontier in American history. In: FARAGHER, J. M. (Org.). **Rereading Frederick Jackson Turner**. New Haven, Conn.: Yale University, 1998.
- VEBLIN, T. **A Teoria da classe ociosa**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- VICENTINO, C. **História geral**. São Paulo: Scipione, 1997.
- WEBER, M. **Economia e sociedade**. v. 1. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004.